



Percepção da mulher sobre sua responsabilidade

Maria Alice Schuch

Faculdade Antonio Meneghetti / UDELMAR - aliceschuch@uol.com.br

Eixo Temático: Humanismo & Complexidade

Resumo: O trabalho que segue é resultado de uma pesquisa com grupo de mulheres em processo de formação em cursos e seminários, com aplicação da metodologia ontopsicológica, a fim de verificar se houveram mudanças na percepção de si mesmas. Observou-se que as mulheres que participaram do projeto apresentam transformações e, por isso, pode-se concluir, que esta metodologia, pode auxiliar no desenvolvimento do potencial criativo da mulher, a fim de que ela assuma o protagonismo em sua vida e também nos diversos contextos sociais.

Palavras-chave: metodologia ontopsicológica; protagonismo da mulher; liderança.

Title of the paper in English

Abstract: The work that follows is the result of a research group of women in the training process using the methodology Ontopsychology order to check whether there have been changes in the perception of themselves. It was observed that women who have participated in the project changes and therefore can be concluded that this methodology can assist in developing the creative potential of women, so that it plays a major protagonism in your life and also in various contexts social.

Keywords: Ontopsychology methodology; protagonism of women; leadership.

1 A problemática da mulher

Ao proceder a uma análise bibliográfica sobre a mulher, tem-se que, do ponto de vista mitológico e/ou científico, que este foi sempre um tema polêmico. Quer seja uma análise pautada no campo antropológico, filosófico ou psicológico, pode-se constatar que o masculino e o feminino são categorias socialmente construídas e que resultam de uma complexa rede de significados intrínsecos que se desenvolveram ao longo dos séculos. Em função de uma disposição do passado as funções do homem e da mulher se distinguiram. Com o passar do tempo tais distinções adquiriram valores sociais de inferioridade de um em relação ao outro. Compreender a função feminina relativizando as disposições do passado para assumir no presente o protagonismo social implica a solução da pessoa da mulher e o conhecimento profundo de si mesma (MENEGHETTI, 2000). Com o advento da globalização continuamente aberta no mundo, a mulher e o homem precisam se desenvolver conjuntamente.



Aponta-se, neste sentido, que a aplicação coerente do método ontopsicológico e a consequente autenticação da mulher, por meio da consultoria de autenticação¹, pode perceber a si mesma como inteligência e agir em sentido prático sua realização pessoal e profissional para, assim, poder contribuir socialmente em maior larga escala a um contexto social mais humanista.

A história da mulher ao longo dos séculos foi, predominantemente, contada pela voz masculina. Se ela não escreveu a sua própria história pode-se dizer que sua existência tenha sido por meio de outro, portanto, será que a mulher existiu de fato? Lacan (1982) afirma que a mulher não existe. Segundo esse autor, essa afirmativa é importante, pois, neste movimento, ela se constitui como tal. Portanto, trata-se de uma questão central: se a mulher não faz seu protagonismo, que visão ela e a história cunharam sobre sua participação? A história oficial conhece e reconhece grandes mulheres, por suas presenças e atitudes, podendo-se, pois, afirmar que a mulher existe, contudo, foram poucas aquelas que tiveram participação marcante na história. Qual é o problema de fundo que leva a mulher perder o ápice de seu protagonismo como inteligência?

A partir do século XIII, as mulheres foram consideradas inimigas perigosas e sua imagem associou-se, cada vez mais, a Eva, símbolo do pecado e da tentação. Cabe, contudo, acrescentar que própria ciência, ao longo de muito tempo, fortaleceu a desigualdade entre os sexos, haja vista, considerar, em muitos momentos, a mulher como fisicamente fraca e intelectualmente inferior ao homem, o que determinava sua inaptidão para trabalhos intelectuais. A maternidade e a criação dos filhos eram – e continuam sendo – consideradas as principais atividades da mulher, já que a natureza a predestinara para isso.

O Brasil, tendo sido colônia portuguesa e herdado, em sua maioria, crenças e costumes lusos, não se exclui deste quadro. Araújo (2006) indica, por exemplo, o poder coercitivo exercido pela lei, pela família, pela crença no sentido de “abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas” (ARAÚJO, 2006, p. 45). De outra forma, o pensamento positivista, dominante no Brasil ao final do século XIX, também imporá seus dogmas, determinando o cerceamento da liberdade feminina:

¹ Uma das aplicações do método ontopsicológico é a consultoria de autenticação (MENEGETTI, 2010).



Aparentemente o Positivismo e a Igreja Católica opunham-se frontalmente (...). Mas nas questões relacionadas à família, propriedade e moral, ambos tinham discursos semelhantes (...). Em ambas, a mulher era a guardiã da moral e do culto religioso, resultante da reprodução rotineira de seu cotidiano, onde lhe são transmitidos símbolos e signos de uma cultura (ISMÉRIO, 1995, p. 37).

Sob tal perspectiva, firmava-se o papel da mulher: protetora do lar e das tradições familiares, educadora dos filhos e obediente ao marido. A literatura romântica colocou-a em um patamar que, se não contradizia a realidade vigente, apontava-lhe o casamento como solução, o final feliz desejado pela mocinha, conforme se evidencia em *Senhora*, do escritor brasileiro José de Alencar (2002): “As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal” (ALENCAR, 2002, p. 215).

Por sua vez, salienta Soihet (1989) que a literatura colaborou para definir a posição social da mulher, considerando exemplar a obra machadiana, cuja ênfase recai na reiteração da suposta profunda diferença entre o que é ser homem e ser mulher.

Por isso, já que a literatura é um mito revisado, aí estão as mulheres fatais (...) que o imaginário greco-cristão constituiu esquizofrenicamente para dramatizar o temor de Eva e o amor de Maria. É claro que esta história é contada por homens. E posto que o homem se elegeu como redator da história, escolheu a mulher para o papel do *outro*, colocando nela a imagem do mal e da desagregação (SANTANA, 1984, p.12).

Inevitável, pois, afirma-se o papel exercido, inclusive, pela arte na conformação da inferioridade feminina.

Meneghetti (2000) discute que ou a mulher quando assume o poder o perde em seguida porque a sua maneira de agir espelha-se na tática masculina, ou, ao contrário, ela passa a agir contra o homem, mas sem lançar mão de modo simples, natural, que lhe são inerentes. E, nestes dois comportamentos estereotipados sente-se derrotada, vê-se sob a ótica masculina, familiar e dos papéis sociais correntes que lhes foram impostos e aprendidos como próprios, sem questionamento.

A Ciência Ontopsicológica traz uma nova visão a respeito do universo feminino. Conforme Meneghetti (1999), a mulher executa em sua vida cotidiana um estereótipo dominante de um estilo de feminilidade não funcional e não vencedor para si mesma, conduta esta denominada de teatro feminino. Esse estilo de jogo feminino baseia-se em uma frustração social, milenar, de inferioridade em relação ao homem que, compensa-se e esconde-se por trás



da necessidade psicológica de prevalecer sobre os demais (MENEGHETTI, 1999). E, a estabilização do estereótipo base constitui o núcleo prioritário de todo teatro feminino. Qualquer psicologia feminina, além das frustrações sociais, dos homens e das relações familiares, tem a própria raiz naquela tipologia assimilada da sua simbiose diádica com o adulto-mãe.

Assim, cada mulher, mesmo sem entender a si mesma se recicla neste papel e reproduz este jogo com outras mulheres. Ou seja, ela se sente um ser humano autônomo e, ao mesmo tempo, tem a necessidade de ser a mulher que lhe ensinaram na infância. Parece que a essência da mulher consiste na sua duplicidade. Agindo deste modo ela torna-se objeto de um modelo de comportamento rígido e sem função de evolução de seu potencial natural. Frequentemente, a mulher constitui-se o objeto exclusivo da psicologia interna que a domina e, por causa disso, sofre. Se, a mulher evade desse teatro dos múltiplos estereótipos e constrói-se como inteligência ponta de seu potencial criativo, pode exercer um novo papel de protagonismo social responsável e recíproco. Com a metodologia ontopsicológica a mulher pode compreender-se e atuar sua inteligência e capacidade de interagir com o verdadeiro de si mesma e disso, promover um útero societário de evolução do humanismo integral (MENEGHETTI, 1999).

2 Desenho metodológico da pesquisa

Para a realização da pesquisa de campo, a abordagem desta foi quali-quantitativa. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com questões abertas e fechadas. Inicialmente trabalhou-se com uma população de 101 mulheres, das quais 94 não tinham conhecimento do método ontopsicológico.

A faixa etária variou entre 35 e 45 anos, quanto ao nível de formação, na maioria dos casos, verificou-se graduação, havendo registros de formação média ou pós-graduação. Não houve preponderância étnica e o local de residência predominante foi Porto Alegre-RS. Foram aplicados questionários antes e depois da participação dos seminários direcionados ao público feminino. Esta pesquisa contribuiu para que a mulher fizesse uma reflexão sobre si mesma e se identificasse, podendo iniciar um percurso de encontro de sua funcionalidade, responsabilidade, descoberta de si mesma, para reconhecer e modificar antigos modelos,



conduzindo-a para uma vida de maior eficiência e produtividade a si mesma como pessoa e profissional.

3 Resultados dos trabalhos dos cursos de formação

A análise do questionário antes e depois da realização dos cursos de formação demonstrou mudanças na autopercepção das mulheres e suas estimativas de satisfação com os principais aspectos da vida. Em geral, as mulheres queriam mudar a sua esfera de realização profissional, aspirando a realizarem-se e alcançarem um alto nível econômico, social e profissional.

Segundo as participantes da pesquisa, os cursos e seminários contribuíram para a melhor compreensão de si mesmas, a perceberem seus potenciais e capacidades, a tornarem-se mais seguras e satisfeitas, a verem o seu ambiente com mais clareza e a fazerem escolhas funcionais – dados estes que comprovam a principal hipótese da pesquisa.

Feita a análise quantitativa dos dados percebeu-se que houve um significativo aumento de satisfação, como na categoria posição social, em que se verificou um crescimento de 5,5 para 7,6. No que diz respeito aos relacionamentos, observou-se um grau de satisfação de 4,90 para 7,15, no que concerne à família, o aumento foi de 5,95 para 7,75; enquanto que, em relação à amizade, os índices passaram de 5,5 para 7,45. Por fim, no quesito trabalho, a variação foi de 5,25 para 7,7.

Depois da conclusão dos cursos e seminários, acrescentou-se ao questionário o qual investigou sobre o que modificou na vida das participantes, as respostas foram agrupadas conforme os argumentos: a) conhecer melhor a si mesma e acreditar no próprio potencial para obter resultados mais funcionais reconstruindo a vida de modo responsável; b) aprendizagem de realizar melhores escolhas e estabelecer relações mais profícuas; c) compreensão de situações pessoais e profissionais específicas.

Portanto, evidencia-se que o método e o conhecimento ontopsicológico ajudam a mulher na percepção de si mesma, como também na retomada da sua capacidade de ação concreta no contexto em que vive e atua.



4 Considerações Finais

Percebe-se, pois, que a mulher possui uma grande capacidade de gerar, conservar e desenvolver concretamente a vida. Sua responsabilidade é insubstituível e, não conseguindo cumprir o seu destino, sente-se frustrada. A mulher tem seu potencial e se este for realizado de modo coerente, ela se realiza na história e proporciona também realização a tantos outros.

As mulheres participantes desta pesquisa demonstraram possuir uma combinação de dignidade pessoal e qualidades de liderança. A partir dos cursos de formação foi possível iniciar, coletivamente, um trabalho em grupo em meio ao qual se deu a aplicação dos questionários pertinentes a esta pesquisa. A atividade em grupo desencadeou, nas participantes, um processo de conscientização e de eliminação da dicotomia existente no mundo feminino, entre potencial de natureza e ação concreta, o que as levou a compreender, de modo consciente, suas capacidades e potencialidades. Assim sendo, aconteceu um despertar nas mulheres a fim de poderem agir, de modo consciente e responsável em sua vida cotidiana.

Elas objetivaram o entendimento de si mesmas, a recuperação de suas identidades e a escolha, com base nelas, de rumos precisos e concretos para a realização de suas lideranças. Mostraram-se decididas a seguir determinadas regras, porque perceberam que, ao fazê-lo, podem tornar-se uma providência para muitas pessoas. Uma vez despertado o desejo pelo conhecimento de si mesmo e a descoberta de como fazê-lo a fim de desenvolver o próprio potencial criativo, o grupo de mulheres demonstrou-se mais propício a realizar transformações em sua vida. O grupo concluiu que a mulher deve, primeiramente, entender a si mesma.

Com a aprendizagem da identidade intrínseca da própria individuação, com o desenvolvimento da própria liderança, as mulheres estudadas demonstraram um profundo interesse em conhecer-se, agir por si mesmo, retomar-se, distribuir sua natural alegria e, em especial, assumir a tarefa pessoal de desenvolvimento e crescimento. Assim, percebe-se que concretamente existe a possibilidade de contribuir com processo de autonomia e responsabilidade da mulher em seu papel, diante de si mesma e do contexto social para encontrar como construir concretamente o seu caminho de sucesso na vida, em seu trabalho, com dignidade e responsabilidade.



Referências

ALENCAR, José de. **Senhora**. 34. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ARAUJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-77.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher**: a moral e o imaginário (1889-1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MENEGHETTI, Antonio. **Progetto Uomo**. Porto Alegre: Psicologica Editrice do Brasil, 1999.

MENEGHETTI, Antonio. **La femminilità come sesso, potere, grazia**. Roma: Psicologica Editrice, 2000.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. São Paulo: Ontopsicologia Editrice, 2001.

MURARO, Rose Marie. **A mulher do terceiro milênio**: uma luta da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SOIHET, Rachel. **A condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LACAN, Jacques. **Seminário XX**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.